

CONHECIMENTO SOBRE MORTE ENCEFÁLICA DE MORADORES DE UM BAIRRO DO MUNICÍPIO DE BELEM-PA, 2016

Amália Costa Coimbra¹; Felipe Lima Alcolumbre Tobelem²; Beatriz Moraes da Silva²; Simone Rodrigues dos Passos²; Sílvia Regina da Cruz Migone³

^{1,2}Graduação, ³Especialização

^{1,3}Universidade do Estado do Pará (UEPA),

²Universidade Federal do Pará (UFPA)

amaliacoimbra@hotmail.com

Introdução: O conceito de morte para a maioria dos indivíduos permeia a ausência de incursões ventilatórias pulmonares ou de batimentos cardíacos, 1 entretanto, este vai de encontro à definição de morte encefálica (ME), a qual é determinada por uma lesão intratável no encéfalo.1 O diagnóstico de ME é regido por exames clínicos especializados ,além de estar sob a ação de análise complementar, a qual confirma a ausência de atividade elétrica, metabólica e de perfusão sanguínea cerebral.2 Embora esse parâmetro seja preconizado pela comunidade científica , não se sabe se o corpo social o detém. No Brasil, os dados a respeito do entendimento populacional acerca do procedimento para a doação de órgãos são escassos. Esse fato interfere na aceitação dos familiares quanto aos transplantes. Além disso, há poucos estudos que avaliem a taxa de conhecimento populacional a respeito da morte encefálica. 3 Nessa perspectiva, o estudo realizado visa fomentar os dados a respeito da compreensão da sociedade no que tange a morte encefálica, em uma região do município de Belém, no Pará. **Objetivos:** Analisar o conhecimento sobre morte encefálica de um grupo populacional, na cidade Belém-PA. **Métodos:** O estudo baseou-se nos padrões éticos da pesquisa científica e, ao todo, obteve 41 participantes. Destes, apenas 36 questionários puderam ser considerados, devido aos demais estarem incompletos. Foram incluídos apenas indivíduos maiores de 18 anos, de ambos os sexos e que responderam a todas as perguntas do questionário. Dessa forma, utilizou-se um questionário de 10 questões, de autoria dos próprios pesquisadores, baseado em revisões bibliográficas sobre a temática do conhecimento relacionado à morte encefálica na perspectiva da doação e transplante de órgãos. As perguntas eram bem claras e só ofereciam duas alternativas, “sim” ou “não”, exceto a primeira, que solicitava o conceito de morte dos participantes, ofertando as alternativas: coração parado ou perda irreversível das funções cerebrais. As respostas foram tabeladas no Microsoft Office Excel 2010 para que fossem analisadas e descritas. **Resultados e Discussão:** No total, os pesquisadores aplicaram o protocolo próprio com 36 indivíduos. Em relação ao gênero, tem-se 11 (30.56%) indivíduos do sexo masculino, enquanto 25 (69.44%) do sexo feminino. Em relação a faixa etária, obtiveram-se 12 (33.33%) indivíduos na faixa de 18-37, 18 (50%) na faixa de 38-57, 6 (16.67%) na faixa de 58-77. Do total, 15 (41.67%) indivíduos afirmam acreditar que morte significa a perda definitiva das funções cerebrais, enquanto 21 (58.33%) indivíduos creem significar coração parado; 13 (36.11%) indivíduos afirmam ter conhecimento sobre o que é morte encefálica (ME), sendo 6 (46.15%) indivíduos do sexo masculino e 7 (53.85%) do sexo feminino; 19 (52.78%) indivíduos afirmam ter tido contato prévio com informações sobre ME, sendo 5 (26.32%) do sexo masculino e 14 (73.68%) do sexo feminino; 14 (38.89%) indivíduos afirmam crer que a ME pode ser reversível, sendo 4 (28.57%) do sexo masculino e 10 (71.43%) do sexo feminino; 22 (61.11%) atribuem credibilidade ao diagnóstico de ME, sendo 7 (31.82%) do sexo masculino e 15 (68.18%) do sexo feminino. Além disso, 2 (5.56%) afirmam ter conhecimento sobre os exames diagnósticos de ME, sendo 0 (0%) do sexo masculino e 2 (100%) do sexo feminino; 5 (13.89%) afirmam ter conhecimento das etapas

diagnósticas de ME, sendo 1 (20%) do sexo masculino e 4 (80%) do sexo feminino; 21 (58.33%) afirmam relacionar ME com o processo de doação de órgãos, sendo 7 (33.33%) do sexo masculino e 14 (66.67%) do sexo feminino; 17 (47.22%) afirmam que o diagnóstico de ME pode ser dado com segundas intenções, sendo 6 (35.1%) do sexo masculino e 11 (64.7%) do sexo feminino; e 27 (75%) indivíduos afirmam serem doadores de órgãos e tecidos, sendo 9 (33.33%) do sexo masculino e 18 (66.67%) do sexo feminino. Segundo Pazin-Filho, a definição de morte mais aceita em termos médicos é a perda das funções vitais. Esta é mais comumente representada pela ausência de incursões ventilatórias pulmonares ou de batimentos cardíacos. Na presente pesquisa, foi encontrado um percentual de 58,33% que consideram morte como coração parado, enquanto 41,67% acreditam ser a perda das funções cerebrais e do tronco encefálico. Estando, portanto, em acordo com o artigo de Pazin-Filho, uma vez que a maioria considera a perda de uma das funções vitais como morte. 4 Pazin-Filho ainda comenta sobre a morte encefálica (ME), que representa a perda das funções cerebrais (telencéfalo e diencefalo) e do tronco encefálico e foi considerada como morte por 41,67% dos entrevistados. O autor revela que a origem desse tipo de morte, teve na maior parte dos casos de discussão de seu diagnóstico, dúvidas do diagnóstico do médico, tendo em vista que alguns familiares julgaram que este deseje retirar os órgãos do paciente em circunstâncias ilegais. No entanto, na presente pesquisa, a maioria (61,11%) dos entrevistados atribuem credibilidade ao diagnóstico de ME, sendo a maioria (68,18%) do sexo feminino, e 47,22% afirmam que o diagnóstico de ME pode ser dado com segundas intenções, sendo 64,70% dos entrevistados que afirmam isso do sexo feminino. 4 Em relação ao protocolo de diagnóstico de morte encefálica, o Decreto-Lei nº 9.434, de 1997, dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e delega ao CFM a normatização do diagnóstico de ME, sendo que essa normatização foi estabelecida na publicação da diretriz 1.480 do CFM. Essa diretriz define que a ME deverá ser consequência de processo irreversível e de causa conhecida. Apesar da necessidade da ME ser causada por um processo irreversível, foi observado na presente pesquisa que 38,89% dos entrevistados acreditam que a ME possa ser reversível, sendo a maioria (71,43%) do sexo feminino. 1,2 Os pesquisadores Santos e Massarollo realizaram um estudo baseado em entrevistas com familiares de doadores cadáveres e, segundo eles, normalmente, as famílias de indivíduos que recebem o diagnóstico de morte encefálica entram em contato com o conceito de ME apenas quando o ente evolui para tal estado. A presente pesquisa encontra-se em concordância com os autores citados, justamente porque apenas 36,11% dos entrevistados afirmaram ter conhecimento sobre ME, sendo a maioria (53,85%) do sexo feminino. No entanto, 52,78% dos entrevistados (sendo que desse valor encontra-se 73,68% do sexo feminino) afirmam ter tido algum contato prévio com informações sobre ME. Mas quando se questionou aspecto sobre o protocolo de ME, apenas 5,56% dos entrevistados afirmaram ter conhecimento sobre os exames diagnósticos de ME. 5 Ainda segundo Santos e Massarollo, as pessoas que compreendem a morte encefálica têm maior facilidade em associá-la com a possibilidade de doação de órgãos. No presente estudo, mais da metade (58,33%) dos entrevistados afirmaram conseguir relacionar a morte encefálica com o processo de doação de órgãos, sendo 64,70% do sexo feminino. 5 **Conclusão:** A pesquisa demonstrou que a maioria da população estudada na cidade de Belém do Pará considera a ME semelhante a coração parado, além de ter muitas dúvidas e poucas informações relacionadas aos transplantes e doação de órgãos como um todo, elucidando que a carência de instruções sobre essa temática ainda é aguda. Nesse sentido, esses dados demonstram a necessidade de atuação sobre essa realidade, tendo em vista a importância da doação de órgãos e tecidos.

Referências:

1. Morato EG. Morte encefálica: conceitos essenciais, diagnóstico e atualização. Rev Med Minas Gerais 2009; 19(3): 227-236.
2. Conselho Federal de Medicina (Brasil). RESOLUÇÃO CFM nº 1.480/97.
3. Teixeira RK, Gonçalves TB, Silva JÁ. A intenção de doar órgãos é influenciada pelo conhecimento populacional sobre morte encefálica? Rev Bras Ter Intensiva. 2012; 24 (3): 258-262.
4. Pazin-Filho A. Morte: considerações para a prática médica. Medicina (Ribeirão Preto) 2005; 38 (1): 20-25.
5. Santos MJ, Massarollo MCKB. Processo de doação de órgãos: percepção de familiares de doadores cadáveres. Rev Latino-am Enfermagem. 2005; 13 (3): 382-7.